

O ESTUDO DO CONCEITO QUILOMBOLA COMO CHAVE PARA A COMPREENSÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA E DA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Graciely Cristiny Matos Vieira
Ligia Paula Couto

INTRODUÇÃO: O presente trabalho objetiva apresentar o resultado de parte de uma pesquisa de iniciação científica do curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), cujo título é “O estudo do conceito de “quilombola” como chave para a compreensão da identidade quilombola e da educação escolar quilombola”. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico no site da CAPES de artigos que discutem o que é ser quilombola a partir da compreensão dos sujeitos quilombolas. A presente pesquisa justifica-se pelo interesse em investigar as relações étnico-raciais, suscitado pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. A experiência evidenciou processos de apagamento histórico de populações negras, refletidos na limitação de registros ancestrais. Desse modo, propõe-se a investigação do conceito de “quilombola”, visando contribuir para a compreensão da identidade quilombola e da educação escolar quilombola.

METODOLOGIA: A etapa metodológica da pesquisa consistiu no levantamento de dados bibliográficos sobre o termo “quilombola” com base na compreensão dos próprios quilombolas. No desenvolvimento desse levantamento, foram consultados artigos científicos disponíveis no site da CAPES e, sob coordenação da orientadora, definiu-se um recorte temporal entre 2021 e 2025. A partir desse recorte, foram selecionados nove artigos que discutem a identidade quilombola. Com base nesses materiais, elaborou-se um quadro analítico com as seguintes categorias: “Definição de quilombola”, “Autor(a)”, “Fonte”, “Gênero” e “Data de publicação”. Além disso, realizou-se uma etapa de pesquisa de campo no quilombo Sapatu, localizado em Itapeúna-SP, com o qual a pesquisadora possui vínculo familiar. No local, foi realizada uma entrevista com o líder quilombola da comunidade, cuja definição sobre o que é ser quilombola foi adicionada ao quadro analítico, ampliando a análise com a perspectiva de um sujeito quilombola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A pesquisa realizada até o momento mostra que não se pode definir uma “Identidade Quilombola” homogênea. As comunidades quilombolas possuem modos de vida diferentes. Dessa forma, há diferentes conceitos sobre “O que é ser Quilombola”. É possível compreender também que a questão subjacente à Identidade Quilombola envolve múltiplos fatores, que vão desde aspectos religiosos e culturais até fatores raciais e de permanência no território. Ao realizar esse levantamento bibliográfico, evidenciou-se que os sujeitos quilombolas, principalmente os mais velhos, desconheciam a terminologia. Diante disso, foi possível constatar que as identidades quilombolas são construídas com base na memória, história e oralidade de cada comunidade. Como se pode observar nos excertos abaixo: “Quilombo é irmandade, é a ideia de que a gente junto pode lutar contra uma força que nos oprime. Essa ideia moveu os meus tataravôs a

se juntarem e fazerem esse processo de resistência juntos, e fazendo isso chegaram nisso aqui [...]. [...] A história da Matinha é uma história de luta popular [...]. Nada que você tá vendo aqui hoje foi bondade do Estado, todo canto dessa praça foi lutado. Ser quilombola é remontar essa memória, é dizer: eu ainda preciso resistir, porque as forças do Estado ainda me subjugam. Está ligada a necessidade de estar junto [...]”. (Abdias, morador de Matinha dos Pretos, apud OLIVEIRA; ANDRADE, p. 129-130). “Obá: Bem a comunidade foi descoberta pelo movimento negro de Bagé junto com a igreja católica, secretaria, prefeito e a Emater fizeram um grupo lá de ação... a partir daí vieram a campo conhecer, entrevistar, ouvir as pessoas, os moradores e aí deu início a uma longa caminhada que vemos até hoje, de começo foi feito vários encontros regionais, locais e regionais e a gente se descobriu que era uma comunidade quilombola, que até então não sabia nem o significado da palavra quilombola e também não tinha certeza de ser descendente de escravo.” (JACINTO; DORNELLES, p. 72). “Eu sabia que a gente era quilombola, é por causa dos contos da vovó, fui a única pessoa do quilombo, nem as filhas dela num quis saber, nem “vissungos”, nada. E eu fui muito curiosa, a vida inteira, quando eles falavam, eu falava “o que que é isso?” (Francisca Luizes, apud SILVA, p. 156).

Palavras-chave: Quilombo; Ancestralidade; Território.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

JACINTO, Luis César Rodrigues; DORNELLES, Clara. Histórias de luta convertidas em saberes de resistência na constituição de identidades quilombolas em Palmas. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 40, maio/ago. 2021.

OLIVEIRA, Beatriz Soares da Conceição; ANDRADE, Elenise Cristina Pires de. Experiências e sentidos sobre o ser quilombola em Feira de Santana/BA: a construção da pertença. *Perspectivas em Diálogo*, Naviraí, v. 10, n. 24, p. 118–133, jul./set. 2023.

SILVA, Elisângela de Jesus Furtado da. Histórias de autoidentificação do quilombo Luizes: tensões, disputas e contradições. *Gestão & Conexões - Management and Connections Journal*, Vitória (ES), v. 9, n. 3, p. 147–167, set./dez. 2020.

AGRADECIMENTOS: Agradeço à Fundação Araucária pelo financiamento da bolsa PIBIC-AF e à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) pelo apoio institucional. Agradeço também à Comunidade Quilombola Sapatu e ao líder quilombola Ivo pela recepção e pela concessão da entrevista.